



**Sessão Solene com entrega de
Condecorações a Cidadãos e
Instituições de Reconhecido Mérito**

265.º Aniversário do Dia do Município

Jardins do Palácio Marquês de Pombal

7 de junho 2024 | 11H00

**INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA
CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS**

Dr. Isaltino Morais

Senhora Presidente da Assembleia Municipal,

Senhora Juíza do Tribunal de Oeiras,

Senhoras e Senhores Vereadores,

Senhora Comandante da PSP,

Senhores Comandantes e Presidentes da Associação de
Bombeiros do Concelho,

Senhoras e Senhores Presidentes das Uniões e Juntas de
Freguesia,

Senhoras e Senhores homenageados,

Senhoras e Senhores representantes das forças vivas do
nosso Concelho,

Minhas Senhoras e meus Senhores,

O ritual que hoje cumprimos, de celebração da autonomia da
nossa comunidade, recorda-nos da importância do
autogoverno, e deste em liberdade, para o desenvolvimento
de um território.

O território de Oeiras foi quase sempre, ao longo da sua
história, um território de inovação, de risco e de rutura.

Fomos agrícolas quando devíamos ser agrícolas; industriais desde os primórdios da revolução industrial no nosso País; e, soubemos superar o paradigma da agricultura moribunda e indústria poluente, de há algumas décadas, para nos transformarmos no centro da inovação digital em Portugal.

Esse último momento de superlativa inovação ocorreu no final da primeira década de democracia e de poder local verdadeiramente autónomo. A Oeiras de hoje, conhecida pela real vanguarda que representa neste País, no que respeita ao desenvolvimento, qualidade de vida e bem-estar geral da população, é um produto da autonomia do Poder Local. A Oeiras de hoje apenas foi possível porque vivemos em Democracia e em Liberdade.

É, pois, numa fase da história do País no qual muitos parecem duvidar das virtudes da Democracia que devemos relembrar, neste Dia do Município, o quão importante o regime é para aqui termos chegado e para que possamos continuar a sonhar.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Em Política as responsabilidades da desilusão de muitos pela frustração das suas expectativas, não pode ser atribuída ao Povo que acredita. Cabe a quem lidera perceber “de que lado sopra o vento”, para poder saber cumprir o contrato esperado pelas gerações.

Apesar do atraso estrutural em matéria de Educação do nosso País, não foi a geração que emigra que não soube perceber o mundo do conhecimento que aí vinha.

Apesar da concorrência feroz que o mundo aberto pela globalização gerou, não foi a geração que emigra que não construiu um ambiente regulatório saudável, um contexto para a atividade económica capaz de construir um tecido económico gerador de riqueza e de criar os empregos para oferecer a essa geração um projeto de vida.

A Ciência boa explica a realidade e prevê acontecimentos, não tenta mudar a realidade sem a perceber. Quando os decisores aderem a “consensos”, “modismos” e ideologia,

como se esta de ciência se tratasse, é o nosso futuro que colocamos em risco.

Quando o mundo do conhecimento chegou em força, tínhamos a geração mais bem preparada de sempre, sem que tivéssemos um Projeto de País que acolhesse essa geração.

Estamos, pois, perante um tempo no qual há uma desconexão profunda entre as expectativas criadas e a esperança no que o todo consegue entregar.

Essa desconexão gera frustração e, desta, nasce a oportunidade que os novos populistas tentam com ambas as mãos agarrar, aplicando sofismas que procuram dar respostas simples a problemas complexos.

Acontece que, associado às dificuldades do contexto, o mundo contemporâneo, de “redes sociais” e de “pós-verdade”, assume como real o irreal e, como verdadeiro, o falso.

A opinião pública formada por intervenção do “algoritmo” surge, muitas vezes, mais intoxicada do que informada, sem

ter na sua posse a informação que permite decidir de modo consciente. As “utopias” que se tentam propagar são sobretudo “distopias”.

Assim, sair do labirinto no qual o País se deixou cair é mais difícil do que foi entrar.

Não obstante estas dificuldades, se entrámos no labirinto através de decisões políticas, é também através das mesmas que teremos de sair – sob pena de sairmos através da negação da política, deixando de escolher, e passando apenas a obedecer.

É tempo de regressarmos ao básico: interesse nacional, interesse público e interesse das populações. Quem tem a legitimidade de governar deve ter presente onde estão esses interesses, e o que deve ser feito para melhor os servir.

O futuro constrói-se através da sua correta interpretação, com foco no todo geral, não através de uma definição que privilegie preconceitos ou apenas partes.

Minhas Senhoras e Meus senhores,

Apesar da depressão que estas palavras parecem anunciar, a realidade é que estamos hoje muito melhor do que estaríamos sem Liberdade. Apesar da frustração que a sociedade portuguesa criou pela incapacidade de continuar a fazer, a verdade é que esta é resultado mais das expetativas do que de uma análise em perspetiva.

Se há frustração pelas expetativas goradas, a honestidade intelectual obriga-nos a reconhecer que Saúde, Educação ou Habitação, por exemplo, são bens públicos que não existiam antes da chegada da democracia. Antes desta, eram apenas privilégios dos mais afortunados, não direitos de todos os cidadãos.

O que hoje nos frustra, sem democracia não passariam de chagas escondidas da sociedade, como outrora foram!

Não podemos confundir as dificuldades que o regime atravessa com a natureza do mesmo!

Quando os políticos não servem, em Democracia escolhem-se outros. Quando os partidos não respondem, em

Democracia criam-se outros. Em Democracia há escolha, nós cidadãos queremos escolher!

Minhas Senhoras e meus Senhores,

Em Oeiras nunca abandonámos o essencial. Talvez por isso, sempre soubemos interpretar o interesse público e o interesse da população.

Soubemos que a habitação, como “castelo da família”, era um elemento fundamental da vida coletiva. Sem o bem-estar da célula básica da sociedade não é possível a construção de uma comunidade de direitos, na qual todos fazem parte.

Ao trazermos para o todo as nossas margens, permitimos que estas florissem, talvez por isso possamos dizer que nas nossas margens já nascem flores.

O êxito das primeiras gerações de políticas de habitação, quer para as pessoas que passaram a ter uma perspetiva de futuro digna, quer para o Concelho que trouxe para a comunidade quem estava fora dela, ensinaram-nos sobre a

necessidade de continuarmos a promover políticas de habitação para as novas gerações – percebendo que, muitas vezes, não é a casa que por si só quebra o ciclo de pobreza.

Paralelamente, o empobrecimento das classes médias, e a subida em espiral dos custos da habitação, vieram trazer novos pobres os quais, sem a intervenção dos poderes públicos, não conseguem aceder a uma casa.

Sempre estivemos preparados para fazer mais habitação pública. Quando o problema se tornou evidente para a maioria, e foi disponibilizado financiamento público, Oeiras já tinha os projetos em condições de lançar concursos. Não é por acaso que, no quadro do PRR habitação, seremos o primeiro Município a entregar casas resultantes de promoção própria. São exemplos os empreendimentos do Alto da Montanha, em Carnaxide, e dos Aciprestes e Ribeira da Junça, ambos em Linda-a-Velha.

Neste quadro, estão já contratados ou em vias de contratação mais de 200 milhões de euros para habitação em Oeiras. No final deste programa, prevemos a construção

de 2000 novas casas, num investimento total de 400 milhões de euros.

Soubemos que sem um território organizado, planeado e infraestruturado, não seria possível atrair as empresas que pretendíamos ter neste território. Sem isso, consequentemente não geraríamos os empregos e a riqueza que permitissem que esta fosse uma comunidade de bem-estar, socialmente justa e solidária.

A riqueza gerada pelo tecido económico de Oeiras, hoje a 2ª economia nacional, é a principal responsável pela qualidade de vida que aqui temos. Foram as empresas que mudaram quer a natureza deste território, que passou de periferia para nova centralidade, quer esta comunidade, que passou de subúrbio para um contexto de vida própria.

O próprio Município deu o exemplo e acreditou no futuro, quando determinou a criação e o envolvimento financeiro do Taguspark, alavanca de todo o desenvolvimento que se seguiu.

Reconhecemos a importância da atividade empresarial para o nosso Concelho e, por essa razão, sempre procurámos dar celeridade aos processos de aprovação de projetos de investimento, sem perder o sentido do rigor e da legalidade, procurando respeitar o esforço empreendedor de quem arrisca fazer. A burocracia não pode ser inimiga da criação de riqueza e do bem-estar da população que deve servir.

Atualmente, estão em curso, em Oeiras, projetos de investimento que, no seu global, ultrapassam os dois mil milhões de euros. Num País que sufoca por investimento e pela criação de postos de trabalho, consideramos essencial mantermos este rumo, com vista à defesa intransigente do nosso modelo de desenvolvimento e das gerações futuras.

Soubemos que sem Educação digna, disponível e acessível a todos, não seríamos capazes de cumprir a igualdade de oportunidades. As pessoas não são iguais, bem pelo contrário, são singulares e irrepetíveis na sua individualidade. Todavia, são iguais em matéria de direitos. Os sonhos dos que menos têm não podem ter menos valor do que os sonhos dos mais afortunados.

Por acreditarmos nestas palavras, transformámos o panorama de Oeiras em matéria de Educação. Transformámos a nossa realidade quer na qualidade e disponibilidade de infraestruturas e equipamentos, quer na possibilidade de cada um, desde o berço até às cadeiras das universidades, poder, com o seu talento, carácter e capacidade de trabalho definir o seu lugar no mundo.

Por essa mesma razão enunciámos que queríamos ter “as melhores escolas” e “os melhores alunos”. As “melhores escolas” significava, e significa, ter equipamentos escolares com conforto e eficiência para quem aprende e quem leciona. É nesse espírito que se enquadram exemplos recentes, como os da requalificação de equipamentos como a Escola Básica Gil Vicente, em Queijas, e a Escola Secundária Professor José Augusto Lucas, em Linda-a-Velha.

No primeiro caso, a obra está já em curso, num investimento de 2 milhões de euros, que deverá estar concluída até ao final do ano. No segundo caso, decorrente dos acordos interadministrativos com o Ministério da Educação, está assinado o acordo de financiamento com o Governo da

República para o cofinanciamento: cerca de 15 milhões de euros de investimento, dos quais cerca de 12 milhões serão financiados pelo PRR, cabendo 3 milhões ao Município.

No caso dos “melhores alunos”, é já bem conhecido o programa “Oeiras Educa” que, em toda a sua extensão, permite a cada um extrair ao limite as suas potencialidades. O corolário das novas políticas de Educação reside no programa de universalização de acesso ao ensino superior. Neste programa, todos, mas mesmo todos os oeirenses, que queiram prosseguir os seus estudos universitários, têm acesso a bolsa municipal, bastando comprovar, para o efeito, a insuficiência económica do seu agregado familiar.

Em Oeiras lutamos para que ninguém esteja derrotado à partida!

Não temos dúvidas que as políticas públicas municipais nesta matéria, em forte complementaridade com as medidas governamentais, estão a transformar positivamente a geração que atualmente frequenta as nossas escolas.

Já há indícios dessa transformação. Basta atender à afluência às sessões do Dia da Democracia, em todas as escolas secundárias, ao aumento exponencial dos alunos que frequentam o ensino superior ou aos prémios de mérito que um significativo número de estudantes tem granjeado.

A juventude de Oeiras tem-se revelado, cada vez mais, como estudiosa, responsável, participativa, ambiciosa e com objetivos de vida concretos.

O escalão dos 15 aos 20 anos será incontestavelmente a melhor geração de sempre, em Portugal.

Soubemos, em boa hora, reconhecer que a Saúde é não apenas um direito fundamental, mas também um bem público, ao qual todos devem poder aceder. Encontrámos um Concelho com “um” e apenas “um” centro de saúde com instalações dignas, o de Oeiras. Fizemos, substituindo-nos ao Governo da República, 4 centros de saúde, permitindo aos oeirenses cuidados de saúde referenciais em Portugal.

De referir que fizemos 4, são conhecidos: Paço de Arcos, Algés, Carnaxide e Barcarena. O próximo, o de Porto Salvo,

tem já o projeto concluído, devendo o concurso público para a construção, integrado no novo Rossio de Porto Salvo, ser lançado dentro de 1 ano.

Soubemos, também, que a geração de riqueza que promovemos no nosso território trazia obrigações subsequentes ao nível de um “Estado Social Local”, capaz de conferir mais qualidade de vida e justiça social aos oeirenses menos afortunados. Foi assim que, ao longo dos anos, fomos criando respostas sociais capazes de conferir mais conforto e bem-estar.

Medidas como a “Política do medicamento” que, desde a sua criação, vem aliviando a fatura de farmácia mensal dos idosos com menor rendimento; ou o “Fundo de Emergência Social”, direcionada para as dificuldades prementes das famílias oeirenses em fase de maior restrição.

Estamos agora a ir mais longe. Se, recentemente, inovámos uma vez mais, possibilitando o acompanhamento da saúde mental da nossa população, brevemente iremos atravessar uma nova fronteira da proteção social, com o programa “Oeiras a sorrir”, possibilitando o acesso de todos à saúde

oral, em complementaridade com o serviço nacional de saúde.

Soubemos, ainda, inovar e modernizar Oeiras, respeitando a sua história e o seu património. Ao longo dos anos defendemos a memória coletiva da nossa comunidade, seja nos jardins e centros históricos, seja no património cultural e religioso.

Em curso estão intervenções referenciais nesta matéria, das quais saliento apenas 3 exemplos.

A primeira intervenção de fundo em mais de 250 anos no Palácio do Marquês de Pombal, cujas fachadas recuperaram finalmente a sua cor original e os jardins o seu esplendor.

A recuperação do Mosteiro da Cartuxa e a intervenção na Quinta de Cima do Marquês de Pombal, que apenas agora são possíveis pois, até há poucos anos, estiveram sob gestão da Administração Central, a qual, vergonhosamente, deixou degradar ao limite a sua condição.

Nestes dois casos concretos, é justo o devido encómio aos governos do Dr. António Costa, os únicos que, nos últimos

30 anos, reconheceram a incapacidade da Administração Central na boa manutenção daquele património e, assim o entregou ao Município. A Ele, a devida homenagem. Não por acaso, está hoje presente a ex-ministra, a Dra. Mariana Vieira da Silva, que será justamente hoje homenageada.

A Fábrica da Pólvora de Barcarena, que conhecerá novo impulso na designada "fábrica de cima", numa antiga unidade de produção de material de guerra que foi transformado em equipamento de paz e cultura, ao serviço de todos.

No seu global, o Município está a investir mais de 30 milhões de euros na recuperação deste património.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

O êxito das nossas políticas públicas decorre de nunca termos esquecido que a prioridade essencial reside nas pessoas, suas expectativas e bem-estar, e sua esperança no futuro.

Fizemos e fazemos porque sonhámos e trabalhámos de acordo com o sonhado.

Fizemos e fazemos porque mantivemos o foco na estratégia definida para o posicionamento do nosso Município, nas últimas décadas.

O que não seria deste País se, a dado passo, tivesse continuado a sonhar e a trabalhar para concretizar o sonho – aliando ambição à capacidade de realização. Olhemos então um pouco para Oeiras para percebermos onde poderia estar Portugal.

Oeiras é, atualmente, a segunda economia do País. Em escassos 46 quilómetros quadrados, as empresas faturam mais do que nos 3º e 4º municípios somados. A nossa economia local fatura mais do que todo o setor do turismo nacional, cujo desempenho tem sido essencial para a economia do País.

Com um total de 27777 Empresas, Oeiras é o 2º município de Portugal (1º é o município capital Lisboa), com:

- Maior número de Grandes Empresas;
- Maior Volume de Negócios das suas empresas;
- Maior Valor Acrescentado Bruto das suas empresas.

Somos o segundo município português com maior número de Grandes Empresas (1º Lisboa; 2º Oeiras; 3º Porto). Em 2022, no território de Oeiras localizavam-se 122 Grandes Empresas, mais 1 do que em 2021, sendo este valor o 2º valor mais elevado do País. Sendo que:

- Portugal tem 1436 empresas (8,5% tem localização em Oeiras);
- Destas, 347 são em Lisboa;
- 122 são em Oeiras; e,
- 68 são no Porto.

Destacamos ainda que, na lista das 50 maiores Empresas de Portugal, constam 6 com sede no nosso território. Somos o segundo município nacional com maior número de empresas presentes nesta listagem, novamente apenas superado por Lisboa.

Paralelamente, confirmando a nossa aposta na inovação, na Grande Lisboa são os municípios de Lisboa e Oeiras a apresentar os números mais elevados de empresas com atividades de Investigação e Desenvolvimento, com 331 e 105 empresas, respetivamente.

Os resultados desta atividade económica são esclarecedores.

Em 2021, último ano disponível, Oeiras apresentava o valor mediano do rendimento bruto declarado deduzido do IRS liquidado por sujeito passivo mais elevado do país: 14 552 €. Em Portugal foi de 10 128 €. Isto é, mais de 40% acima da média nacional.

No que respeita ao rendimento bruto declarado mediano por agregado fiscal, este situou-se acima do valor nacional. Também aqui apresentámos o valor mais elevado do país, 19 085 €. Para a mesma data, Portugal tinha um valor mediano de 13 096€, a AML de 14 803€. Neste indicador, Oeiras é seguida de Lisboa, com 16 292€, e do Porto, com 14 200€.

Importa ainda referir que 30% dos nossos agregados fiscais situam-se no “escalão 32. 500€ ou mais”, sendo que, no escalão com “menos de 5000€” encontra-se 8% dos agregados fiscais. Já em Lisboa, que segue Oeiras neste indicador, no escalão mais alto estão 27% dos agregados e no escalão menos elevado estão 11,0%.

Quanto ao Desemprego e segundo os dados do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP), o ano de 2023 iniciou-se com 3881 residentes de Oeiras inscritos como desempregados no Centro de Emprego de Cascais. A média de desemprego registado naquele ano, em Oeiras, foi de 3779 sendo que já se encontra a níveis pré pandemia.

A taxa de desemprego calculada com base na população ativa era de 4,9%, em fevereiro de 2024. Para a mesma data, em Portugal, a taxa era de 6,8%.

Em grande medida, as altas qualificações da população residente em Oeiras concorrem para explicar a descida do desemprego registado, uma vez que o desemprego afeta, sobretudo, quem tem níveis de escolaridade mais baixos.

Paralelamente, Oeiras está entre os municípios com maior capacidade relativa para atrair população empregada (em que mais de metade dos empregados era proveniente de outros municípios): na Área Metropolitana de Lisboa, encontram-se Lisboa (63,6%) e Oeiras, com 61,6%. Este valor significa que, todos os dias, entram em Oeiras cerca de 50 000 pessoas para trabalhar e que 61,6% da população empregada em Oeiras, reside noutros municípios.

Mas os resultados de Oeiras não são apenas referenciais em matéria de desenvolvimento económico. Importa ainda olhar para outros indicadores essenciais da nossa vida coletiva.

Em matéria de segurança, Oeiras é percecionado como um território seguro. A taxa de criminalidade, fundamenta esta perceção, tendo passado de 30,3 ‰, em 2013, para 28,7‰, em 2023, valor este abaixo do registado para o país e para a Grande Lisboa. Para as mesmas datas, em Portugal o valor foi de 35,5‰ e, na Grande Lisboa, de 38,4‰.

Na cultura, logo a seguir a Lisboa, o Município de Oeiras foi, na AML, onde se venderam mais bilhetes de espetáculos ao vivo (284 919), números certamente influenciados pela

capacidade que tivemos de atrair, para o nosso território, eventos de grande dimensão internacional. Pelo que, naturalmente, apresentamos o valor médio mais elevado dos bilhetes vendidos em espetáculos ao vivo: 58€. Em Portugal o valor médio foi 22,2€, na AML: 29,4€.

Da leitura atenta destes indicadores retiramos que Oeiras não apenas é a 2ª economia nacional, como podemos afirmar que somos líderes em matéria de coesão social, no nosso País!

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Perdoem-me a falta de modéstia neste aniversário do nosso Município, mas temos razões para estarmos orgulhosos do nosso percurso.

Temos razões para continuarmos a acreditar que somos e seremos uma comunidade de esperança e de futuro.

Acreditamos hoje, como acreditámos no passado, que o nosso futuro somos nós quem o constrói. Oeiras foi o Município que mais soube aproveitar as oportunidades da

Democracia e da Liberdade, talvez por isso seja neste território que os populismos, de esquerda e de direita, têm maior dificuldade de penetração.

Quando as pessoas se sentem ouvidas e envolvidas, quando sentem que o poder público procura atender às suas ansiedades, procuram esse poder público.

Foi possível transformar esse território sem deixar de atender ao pilar do desenvolvimento sustentável, o pilar ambiental. Se, como já vimos, em matéria de economia e de coesão social somos referenciais, o que dizer do facto de sermos o Município com melhores resultados nos prémios ODS Local, ou de sucessivamente hastearmos a bandeira ECO XXI.

Há décadas que vimos protegendo o ambiente sem nunca descurarmos o mais importante: as pessoas.

Não embarcamos em “consensos” acrílicos, fazemos o nosso futuro de acordo com o modelo de desenvolvimento decorrente da legitimidade do voto e definido por quem o Povo escolheu para governar!

Por tudo isto, acreditamos que temos razões para continuarmos a fazer. Fazemos e vamos continuar a fazer.

Chegámos onde chegámos porque houve rigor, sonhos, planeamento para concretizar objetivos e, sobretudo, a existência de uma comunidade e uma sociedade civil organizada em instituições dinâmicas, participativas e alinhadas no objetivo de fazer de Oeiras, o melhor Concelho.

Sejam associações culturais e desportivas, instituições de solidariedade social, grupos de teatro, associações de moradores, empresários, professores ou paróquias. Todos orgulhosos e em sintonia, para construir neste território uma comunidade com identidade distinta e forte.

Termino reconhecendo o esforço de todos quantos, todos os dias, nos ajudam a fazer Oeiras. Os trabalhadores do Município, do mais humilde assistente operacional, aos diretores municipais. Às forças vivas do Concelho, que connosco sentem a ligação à terra que nos dá sentido à vida. Às forças de segurança e corporações de bombeiros que nos dão segurança ao quotidiano.

Neste conjunto alargado de pessoas e instituições, não posso deixar de incluir uma palavra de justo reconhecimento aos autarcas das freguesias e uniões de freguesia, os quais todos os dias, próximos das populações, ouvem e sentem o pulsar da comunidade, resolvendo os seus problemas, ou em função das suas atribuições, encaminhando para a Câmara Municipal.

Também, naturalmente, os oeirenses que continuam a acreditar.

Uma palavra ainda para todos os homenageados de hoje.

A atribuição das condecorações a pessoas e entidades é a forma de reconhecer quem, de forma direta ou indireta, colocou o seu grão de areia na montanha que Oeiras é hoje. Todos os que têm o seu quinhão neste Concelho dinâmico, nesta comunidade de esperança no futuro e na felicidade de todos quantos lutem por ela.

Todos, nas suas áreas de atividade, deram o melhor de si a Oeiras e aos Oeirenses

Somos quem todos os dias procura construir futuro. Fazemos por Oeiras e pelos oeirenses. Fazemos!

Viva Oeiras!

Viva Portugal!

Muito obrigado.